

**UTOPIA, DISTOPIA E A INSATISFAÇÃO COM A REALIDADE EM A
CIDADE DAS DAMAS DE CHRISTINE DE PIZAN E O ÚLTIMO
HOMEM DE MARY SHELLEY**

**UTOPIA, DYSTOPIA AND THE DISSATISFACTION WITH REALITY
IN THE CITY OF THE LADIES BY CHRISTINE DE PIZAN AND THE
LAST MAN BY MARY SHELLEY**

Janile Pequeno SOARES¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo levantar considerações a respeito dos pontos que unem a utopia de Christine de Pizan *A Cidade das Damas*, escrita em 1405, final do período medieval, e a distopia de Mary Shelley *O Último Homem*, texto escrito em 1826, início do século XIX. O texto de Pizan, a primeira utopia feminista escrita por uma mulher, nos coloca diante de argumentos que empoderam as capacidades intelectuais da mulher, problematizando seu papel na sociedade e trazendo alternativas para a desconstrução do pensamento misógino em relação às mulheres, através de um projeto utópico que cria a cidade ideal onde as mulheres têm espaço e voz. Já no texto de Shelley, primeira obra pós-apocalíptica/distópica escrita por uma mulher, encontramos o desenvolvimento de um mundo onde o projeto humano falhou devido à vontade de poder exacerbada, egoísmo e falta de amor nas relações sociais, fazendo com que a humanidade seja tomada por uma praga que poupa apenas um único sujeito. Imune à praga, o último homem descreve o fim da humanidade em meio a ponderações sobre fraqueza humana diante de suas intencionalidades monstruosas, o que impede a construção de uma sociedade justa. Escritos em épocas diferentes e com abordagens do mundo diferentes, os textos de Pizan e Shelley se unem diante do mesmo ponto que une o pensamento utópico ao distópico: a insatisfação com a realidade, e este é o ponto central de nossa análise. Para tanto, utilizaremos o apoio teórico de Garretas (1995), Deplagne (2012), Booker (1994), Cavalcanti (2006), Moylan (2016).

Palavras-chave: Pizan. Shelley. Utopia. Distopia.

Abstract: This work aims to consider the points that unite the utopia of Christine de Pizan *The City of the Ladies*, written in 1405, the end of the medieval period, and the dystopia of Mary Shelley *The Last Man*, text written in 1826, beginning of the XIX century. Pizan's text, the first utopia written by a woman, places us before arguments that empower women intellectual capacities, problematizing their roles in society and bringing alternatives for the deconstruction of the misogynist thinking towards women through a utopian project that creates an ideal city where women have voice and space. In Shelley's text, the first post-apocalyptic/dystopian work written by a woman, we find the development of a world where the human project failed due to the exacerbated will for power, selfishness and lack of love in social relations, making humanity be taken by a plague that spares only a single subject. Immune to the plague, the last man describes the end of humanity amongst pondering on human weakness in the face of its monstrous intentions, which prevents the construction of a just society. Written at different times and with different approaches of the world, the texts of Pizan and Shelley unite each other before the same point that unites the utopian and dystopian thought: the dissatisfaction with reality and this is the central argument of our analysis. Therefore, the texts of Garretas (1995), Deplagne (2012), Booker (1994), Cavalcanti (2006) and Moylan (2016), will be used as a theoretical contribution.

Keywords: Pizan. Shelley. Utopia. Dystopia.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. A pesquisa doutoral faz parte do projeto "Mulheres de Letras e(m) lutas libertárias", vinculado à linha de pesquisa Estudos Culturais e de Gênero do PPGL/UFPB.

“[...] o horror das distopias é que elas sempre nos recordam algum aspecto sombrio da realidade”.

Lucia de La Rocque

“A utopia de uns pode, ao mesmo tempo, ser a distopia de outros”.

Gregory Clayers

Considerações iniciais

Desde que Thomas More colocou para o mundo sua *Utopia* em 1516, debates e discussões sobre o termo e as mudanças e reflexos que seu conceito incita, foram e têm sido abundantes. Este trabalho tem por objetivo levantar considerações a respeito dos pontos que unem a utopia de Christine de Pizan *A Cidade das Damas*, escrita em 1405, final do período medieval, e a distopia de Mary Shelley *O Último Homem*, texto escrito em 1826, início do século XIX. O texto de Pizan, a primeira utopia feminista escrita por uma mulher, nos coloca diante de argumentos que empoderam as capacidades intelectuais da mulher, problematizando seu papel na sociedade e trazendo alternativas para a desconstrução do pensamento misógino em relação às mulheres, através de um projeto utópico que cria a cidade ideal onde as mulheres têm espaço e voz. Já no texto de Shelley, primeira obra pós-apocalíptica/distópica escrita por uma mulher, encontramos o desenvolvimento de um mundo onde o projeto humano falhou devido à vontade de poder exacerbada, egoísmo e falta de amor nas relações sociais, fazendo com que a humanidade seja tomada por uma praga que poupa apenas um único sujeito. Imune à praga, o último homem descreve o fim da humanidade em meio a ponderações sobre fraqueza humana diante de suas intencionalidades monstruosas, o que impede a construção de uma sociedade justa. Escritos em épocas diferentes e com abordagens de mundo diferentes, os textos de Pizan e Shelley se unem diante do mesmo ponto que une o pensamento utópico ao distópico: a insatisfação com a realidade, e este é o ponto central de nossa análise.

Longe de querermos fazer um apanhado completo sobre o percurso histórico da origem do termo “utopia”, o que faremos inicialmente será um breve passeio sobre esse tópico para elucidar e tornar compreensível o surgimento, tempos depois, do que hoje conhecemos como “distopia”, por acreditarmos ser essencial para o nosso ponto de discussão mais adiante, quando mostramos como essas duas formas de pensar a realidade estão imbricadas e, em muitos casos, como ambas as ideias se complementam.

Utopia: uma nova forma de expor a realidade

O texto de More nos apresenta um mundo (à parte da sociedade real), onde tudo pode ser melhor e mais bem elaborado do que aquilo com que estão todos habituados a vivenciar em

sua sociedade corrente. Nela duas posições são justapostas, uma positiva e outra negativa: no Livro I temos a espécie de análise crítica da forma como está constituída a sociedade do próprio autor; no Livro II nos é descrita uma sociedade que, baseada no que foi mostrado da primeira, se apresenta como uma alternativa/fuga de/para um lugar melhor. Tendo sua primeira aparição então como um neologismo, criado por More para descrever um lugar que não existia, passamos a considerar três concepções para o termo que, segundo Fátima Vieira (2010), não deve certamente ser apenas reduzido à história da palavra cunhada por More. Desse modo temos: (1) uma ideia, particularmente centrada como substantivo e que nomeia a ilha de More. O autor se utilizou da junção de prefixo e raiz etimológica grega para dar nome à ilha desconhecida descrita pelo navegador Português Raphael Hythloday, e como título do livro. Nesse momento o termo inicia um caminho que viria a relacioná-lo sempre que se alude a lugares paradisíacos imaginários. (2) conceito/reação contra o presente indesejável; uma aspiração para alternativas, este inclusive, é considerado o conceito mais importante e aceito. (3) gênero literário, uma nova forma de escrever sobre as aspirações dos sujeitos como crítica e demonstração de insatisfação com a sociedade na qual se encontra.

Utopia passou a fazer parte de nosso cotidiano de um modo que não podemos mais nos distanciar. Por descrever uma sociedade com modos e organização de vida que não existe e que não fazem parte do que poderia ser chamado de real, as utopias são “o não-lugar”, “o outro lugar” (fora) da história, são aquilo que está em paralelo com o real e que é melhor, e desse modo, ao alcançar esse lugar ele deixa de ser utópico. Ao contrário do que é normalmente postulado, as utopias não descrevem ou almejam uma sociedade perfeita, mas uma melhor do que a existente. Nas palavras de Fátima Vieira:

O desejo por uma vida melhor, causado por um sentimento de descontentamento direcionado à sociedade que se vive. [...] a fonte principal de energia da utopia: esperança. Utopia é então vista como uma questão de atitude, como *um tipo de reação a um presente indesejável e uma aspiração para superar todas as dificuldades pela imaginação de possíveis alternativas*². (VIEIRA, 2010, p. 6-7). – grifo e tradução nossa.

A esperança, esse termo que rege todo o pensamento utópico, se constitui como a chave para tomada de atitudes independentemente da época. Apesar de a obra de More ter cunhado o termo e ser, até nossos dias, considerada como a precursora desse gênero como

² The desire for a better life, caused by a feeling of discontentment towards the society one lives in. [...] the principal energy of utopia: hope. Utopia is then to be seen as a matter of attitude, as a kind of reaction to an undesirable present and an aspiration to overcome all difficulties by the imagination of possible alternatives. (VIEIRA, 2010, p.6-7)

conhecemos hoje, é importante destacarmos a existência do sentimento e da tomada de atitude feita já no século XV, quando o termo ainda não tinha sido cunhado, porém a ideia e a sensação já eram disseminadas: a *Cidade das Damas* da autora ítalo-francesa Christine de Pizan, publicada em 1405.

A Cidade de Pizan

Trata-se de um texto alegórico onde encontramos uma cidade eterna que abriga todas as mulheres do passado, presente e futuro. A cidade de Pizan é uma espécie de ficção dentro da ficção, desenvolvendo um lugar imaginado, que faz parte dos anseios da própria Pizan, que aparece como nossa personagem principal que “constrói” uma cidade melhor que abriga apenas mulheres. Dessa forma desenvolvido, o texto de Pizan antecipa em quase um século as aspirações formais ideológicas do utopismo literário de More e se instaura como marco da tradição utópica feminista.

O tom é decididamente pessoal, quando Christine inicia o projeto relatando sua depressão e o ódio próprio resultante da sua absorção da misoginia - inevitável, penetrante e, de algum modo, persuasiva - dos escritores tradicionais da moral. Ela pega o volume de um deles (Mateolo), e como ela observa, filósofos, poetas, oradores, ‘todos falam pela mesma boca’ sobre os males das mulheres. Através da aparição repentina de três damas (Razão, Retidão e Justiça) em uma visão -sonho- Christine recebe consolação e encorajamento, assim como por elas é escolhida para construir a Cidade das Damas, para lutar contra essa tradição literária insidiosa antifeminista. Seu plano utópico é criar um lugar (imaginário e eterno) cuja fundação, muralhas, paredes, tetos e torres são ‘feitas’ de boas mulheres - cristãs e pagãs, do passado e presente – no qual essas mulheres honradas do passado, presente e futuro possam se refugiar das barbáries da sociedade e dos homens.

O texto de Pizan evoca uma necessidade latente de mostrar como as mulheres são seres dignos de respeito e espaço social tanto quanto o são os homens, e para isso, faz uma verdadeira antologia e cita várias mulheres que ao longo da história tiveram um papel demasiado importante, destacando suas capacidades em várias esferas, seja intelectual, filosófica, física, moral, comportamental, matemática, armamentista, estrategista, guerrilheira, dentre outras. Todas as mulheres citadas são ‘convidadas’ a integrar essa ‘cidade’ como um espaço de exemplo e de contestação do pensamento corrente de sua época sobre a incapacidade das mulheres. E essa ‘construção’ aponta de forma bastante clara no texto para a insatisfação de

Pizan sobre a sua realidade. Vejamos uma passagem do texto quando Pizan ‘dialoga’ com a Dama Razão:

- Dama, certamente Deus concedeu uma força maravilhosa às mulheres que mencionastes. Mas, ensina-me ainda, por favor, se Deus, que lhes concedeu tantas graças que honraram o sexo feminino, não quis honrá-lo, privilegiando algumas delas com virtudes, grande inteligência e saber. Desejo muito saber se seriam possíveis tais habilidades, pois os homens afirmam que as mulheres são dotadas de fraca capacidade intelectual.

- Resposta: Filha, por tudo que te disse anteriormente, podes saber que é completamente o contrário de tal opinião, e para te provar, com maior clareza, citar-te-ei alguns exemplos. Vou repetir e não duvides do contrário, pois, se fosse um hábito mandar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências, como o fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências tão perfeitamente quanto eles. (PIZAN, 2012, p. 126)

Ao longo dos diálogos de Pizan e suas Damas, cada mulher homenageada e cada preconceito vigente que é desfeito representam um tijolo que constrói a cidade desejada e sonhada não só por Pizan, mas por muitas das mulheres de sua época, que se pudessem viveriam em um mundo outro onde elas pudessem ser livres da misoginia e falta de caráter que pestilenta os sujeitos de sua sociedade. Em outra passagem Pizan levanta um questionamento bastante pertinente, ainda em diálogo com a Dama Razão e cavando um buraco com sua enxada da indagação, assim diz:

- Dama, lembro-me do que dissestes agora a pouco, acerca de todos aqueles homens que maldisseram tão severamente os costumes das mulheres, condenando-as em massa: mais o ouro demora na fusão, mais ele fica fino. Deve-se entender, com isso, que quanto mais elas são condenadas sem motivo, maior é o mérito da sua glória. Dizei-me, vos peço, porque tantos autores as maldizem em suas obras? O que os motiva? Pois, vós já me fizestes entender que eles estão errados. Será que é a Natureza que os leva a isso ou será que o fazem por ódio? Como isso acontece?

- Ela respondeu-me assim: Filha, para te encorajar a cavar mais profundamente, a primeira escavação será minha. Saiba que isso não vem da Natureza, ao contrário, pois não existe nenhum laço terrestre mais forte do esse amor que ela criou, por vontade divina, entre o homem e a mulher. Os motivos que levaram – e ainda levam – os homens a condenarem as mulheres, como os autores que leste, são diversos e múltiplos. [...] uns por causa de seus próprios vícios, outros devido à enfermidade de seu próprio corpo, outros por pura inveja, outros ainda porque adoram maldizer. Outros, ainda, para mostrar que leram bastante, baseiam-se mais naquilo que encontraram nos livros e fazem apenas citar os autores, repetindo o que já se foi dito. [...] Aqueles que disseram injúrias às mulheres, por inveja, são homens indignos que, tendo conhecido e encontrado um grande número de mulheres mais inteligente e de conduta mais nobre do que a deles, tornaram-se amargos e rancorosos. Eis porque sua inveja os leva a difamar as mulheres, esperando sufocar e reduzir, de tal maneira, seu renome e valor [...] (PIZAN, 2012, p. 73-77).

Ao nos apresentar as respostas aos seus questionamentos, Pizan nos coloca em contato com o seu próprio modo de pensar e nos convida a rever os mesmos questionamentos e o modo

como estamos conduzindo nossa forma de pensar, se feita de uma maneira justa ou discriminatória. Os motivos que são apontados para explicar a maldade de alguns homens sobre as mulheres é um fato que anos, talvez séculos, mais adiante seria considerado um fato comprovado, já depois de muitas injúrias e comportamentos monstruosos em direção às mulheres. Outro ponto demasiado contundente e original destacado por Pizan sobre a maneira como a misoginia é transmitida através da repetição de comportamento é algo digno de nota, principalmente quando consideramos que fora escrito em 1405, anteriormente a muitos dos tratados feministas que o período moderno traria: a questão da representatividade e necessidade (dos homens) de reafirmarem os discursos daqueles que os precederam, alimentando seus modos de pensar mesmo que estes sejam errôneos, como em muitos casos se constatou.

Cada diálogo de Pizan e suas Damas nos conduz ao fortalecimento da certeza de quão fortes, inteligentes, capazes e importantes são as mulheres, através do conhecimento exemplar de muitas que fizeram parte da história de sociedades do mundo de um modo geral. Pizan evoca as mulheres do passado, do presente e afirma que ainda muitas serão as mulheres que mais adiante no futuro serão dignas de respeito e importância e, assim, aptas a fazerem parte da Cidade das Damas. E este ponto, apesar de conter uma verdade muito construtiva, já que afirma que sempre irão existir mulheres fortes e capazes, também nos parece ser o tijolo que poderia fazer desandar a maravilhosa cidade perfeita, pois somente algumas mulheres são dignas, não há a referência à inclusão de todas as mulheres (considerando que toda e qualquer mulher em sociedade misógina está à mercê de ataques e injustiças), e assim, a utopia de umas se apresenta como uma distopia para as outras. É o plano utópico de uma cidade melhor, mas melhor porque estão nela apenas aquelas que se destacaram de algum modo, e esta premissa é um pouco perigosa. No entanto, o texto de Pizan ainda se faz de uma maneira tão forte e exemplar no sentido de exaltar as mulheres que conseguimos amenizar esse pormenor.

No livro segundo, que constitui a segunda parte do texto, é narrada a construção do interior da Cidade, os edifícios e como foi povoada, neste momento somos apresentados às Sibilas, aquelas que anunciam o futuro. É muito instigante o fato de Pizan ter destacado essas mulheres míticas que foram incumbidas de falarem sobre o futuro. Nesta parte os diálogos com a Dama Retidão são feitos para que as mulheres escolhidas povoem a Cidade “onde residirão para sempre”, e assim, essa ideia de eternidade evoca a afirmação de que essas mulheres e a discussão sobre um lugar melhor onde elas possam ser respeitadas será contínuo. Sobre as Sibilas Dama Retidão diz:

Entre as damas de dignidade soberana, aparecem, acima de todas, aquelas de plena sabedoria, as sábias Sibilas que, como indicam as obras dos autores mais importante, eram em número de dez, ainda que alguns citam apenas nove. Ó cara amiga, preste bem atenção: Já houve algum profeta de quem Deus tivesse amado tanto, e a quem tivesse consentido honras maiores em revelação, que aquelas feitas a essas nobilíssimas damas, evocadas aqui? Não foi posto nelas o santo dom da profecia, tão profunda e arguta que suas palavras nem pareciam anunciar o futuro, mas antes, uma crônica de acontecimentos passados e conhecidos, de tão claras, evidentes e compreensíveis eram suas palavras e seus escritos? Suas obras falaram, inclusive, da vinda de Jesus Cristo, o que aconteceu muito tempo depois, e de maneira ainda mais clara e com mais detalhes do que o que foi encontrado pelos profetas. Essas mulheres se mantiveram castas a vida inteira, desprezando todo ato impuro. Eram todas chamadas de Sibilas. Mas, isso não significa que se tratam de seus nomes. Sibila quer dizer: aquela que conhece o pensamento de Deus. E foram assim chamadas, por profetizarem coisas tão extraordinárias que apenas o espírito divino poderia ter ditado aquelas palavras [...] As Sibilas nasceram em diferentes países do mundo e em épocas distintas [...] apesar de serem todas pagãs e nenhuma pertencia à religião dos judeus”. (PIZAN, 2012, p. 166-167).

Demonstrando o poder das mulheres por serem as únicas escolhidas pelo divino para anunciarem o porvir, Pizan nos coloca mais uma vez em contato com um ponto instigante de sua obra e nos faz refletir também sobre o futuro-presente, quando consideramos que nossos dias são o futuro da época da autora, percebemos como suas questões foram pioneiras e denunciam um passado que ainda se parece tanto com o seu futuro. Necessitamos da utopia de Pizan hoje, talvez, com ainda mais ênfase do que séculos atrás, mas também ao longo desse período que nos separa daquela realidade, fomos apresentados a outro conceito que também teve na escrita feminina seu pioneiro anúncio de desejo mesclado à insatisfação: a distopia.

Distopia: uma forma de alertar sobre os males de uma época

Ao falar de distopias nossa mente nos leva imediatamente para os lugares de caos onde nada funciona e tudo é levado a nos convencer de que aquele é o próprio inferno, se opondo amargamente ao paraíso, princípio das utopias. Esse conceito tão difundido e tornado atualmente, tão prolífico em quase todas as formas de arte, tem uma raiz bem mais distante do que imaginamos.

De acordo com Patricia Koster (1983) foi Baptist Noel Turner quem primeiro cunhou o termo “dystopia”, em 1782. Ela afirma que Turner pode ser creditado com a etimologia da palavra, uma vez que fora o primeiro a colocar o prefixo grego ao radical que formou a ideia conceitual carregada pelo termo: *Δυσ-τοπία*. Já pesquisas feitas por Deirdre Ni Chuanacháin, apontam que a assertiva de Koster está equivocada, segundo Deirdre, a obra anonimamente publicada com o título *Utopia: or Apollo's Golden Days* em 1747, atribuída a Lewis Henry Younge, claramente, faz uso da palavra “dystopia”, apesar de erroneamente grafada e, contrasta

diretamente com o sentido de “utopia”, aparecendo pelo menos três vezes neste livro grafada como “Dustopia”. Um ano depois, corrigindo o erro de grafia da palavra em uma reedição de *Golden Days*, os editores da *The Gentleman’s Magazine*, em setembro de 1748, imprimiram, talvez, a primeira versão escrita de distopia (*dystopia* em inglês). O próximo importante uso veio em 1868 no discurso parlamentar proferido por John Stuart Mill ante a Câmara dos Comuns, quando denuncia a política de terras do governo da Irlanda:

É, provavelmente, demasiado elogioso chamá-los de utópicos; deveriam, em vez disso, serem chamados de dis-tópicos ou caco-tópicos. O que é comumente chamado utopia é demasiado bom para ser praticável; mas o que eles parecem defender é muito mal para ser praticável.³

As ideias sobre o desejo de um lugar melhor passaram a não mais alimentar os corações das pessoas que viam sempre tantos problemas em sua sociedade, o plano utópico passou a inspirar ingenuidade, de certo modo, não pela vontade de algo melhor ter morrido, mas porque representava apenas isso, uma vontade, os sujeitos precisam de algo mais ativo e concreto, precisavam perceber que não adianta sonhar com um lugar melhor, fora de sua realidade, mas fazer algo possível para modificar a sociedade na qual se encontra para que ela não se torne o oposto do desejo, para que não se torne um caos. Daí surge o impulso distópico.

Quando a era dos contos de fada ou de tudo o quanto for relacionado ao que se entendia como encantado, ligado à Natureza, se desvaneceu, sendo substituído pelo iluminismo das ideias, as possibilidades de distopia monstruosa foram renovadas, a monstruosidade dos seres míticos imaginários amedrontadores acabaram por se revelarem humanas (CLAYES, 2017). O homem acabou por demonstrar ser o maior empecilho para o progresso de sua própria nação, com sua vontade de poder acima de todas as ideias de bem-estar:

No século vinte as visões utópicas foram atacadas por críticos que argumentaram que na realidade muitas das utopias se tornariam ‘distopias’, ou seja, sociedade opressivas poderiam aparecer devido à tirania do sistema ‘perfeito’ sobre a vontade do indivíduo.⁴ (PURKAR, 2013, p. 2) – tradução nossa.

Com a mudança do foco e ainda assim bastante atrelado à utopia, o que foi feito nada mais foi que o mesmo procedimento que ocorreu com a etimologia de sua antecessora. Para mostrar o outro lado, mas com uma forma agora mais visceral e chocante, o termo ‘distopia’

³ Ver mais em: <https://distopicas.wordpress.com/tag/john-stuart-mill/>

⁴ In the twentieth century, the utopian visions were attacked by the critics who argued that in reality many such utopias would turn out to be ‘dystopias’, that is, oppressive societies, may be due to the tyranny of the ‘perfect’ system over the will of the individual. (PURKAR, 2013, p. 2).

também foi constituído por afixação: ‘dis’- do grego dys: dificuldade, dor, privação; ‘topos’: lugar = Distopia: lugar ruim ou de privação.

Ainda sobre o sentido impregnado historicamente sobre o termo é imprescindível que observemos as considerações abaixo:

Apesar do nome, distopia não é simplesmente o oposto de utopia. O oposto verdadeiro de utopia seria uma sociedade que é completamente não planejada ou que é planejada para ser deliberadamente aterrorizante e horrível”.⁵ (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 1) – tradução nossa.

Utopia nos leva a um futuro e serve para indiciar o presente, distopia nos coloca diretamente numa realidade sombria e deprimente, evocando um futuro terrível se nós não reconhecermos e tratarmos seus sintomas que estão no aqui e agora⁶. (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 2) – tradução nossa.

As citações acima resumem bem o verdadeiro sentido que as distopias carregam já que com a disseminação em massa do conceito, às vezes, ele é diluído de uma forma muito radical ou simplista demais. Não podemos deixar de lado o fato de que é um conceito que está intimamente ligado ao conceito de utopia, mas é preciso que suas particularidades sejam ressaltadas e compreendidas: “A maneira principal de diferenciar os dois fenômenos é pousando os olhos nos resultados, já que o impulso ou desejo por um futuro melhor está usualmente presente em ambos” (GORDIN; TILLEY; PRAKAS, 2010, p. 2). Nas palavras de Booker:

O pensamento distópico não desqualifica o pensamento utópico, mas age meramente como uma voz opositora saudável que ajuda a prevenir o pensamento utópico de se tornar rotineiro.⁷ (BOOKER, 1990, p. 175) – tradução nossa.

O pensamento distópico pode servir como um corretivo viável a essa tendência, e portanto, deve ser pensado como o que trabalha *com* ao invés de *contra* o pensamento utópico”. (BOOKER, 1990, p. 177) – tradução e grifos nossos.⁸

As distopias (principalmente no campo literário) não carregam uma total falta de positividade ou esperança, elas são construídas apenas diante do plano que falhou por ter sido mal planejado, porque precauções não foram tomadas, mas ambas as ideias diante de um lugar

⁵ Despite the name, dystopia is not simply the opposite of utopia. A true opposite of utopia would be a society that is either completely unplanned or is planned to be deliberately terrifying awful. (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 1).

⁶ Utopia takes us into a future and serves to indict the present, dystopia places us directly in a dark and depressing reality, conjuring up a terrifying future if we do not recognize and treat its symptoms in the here and now. (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 2).

⁷ Dystopian thought does not disable utopian thought, but merely acts as a healthy opposing voice that helps prevent utopian thought going stale. (BOOKER, 1990 p. 175)

⁸ Dystopian thought can serve as a valuable corrective to this tendency, and therefore should be thought of as working with rather than against utopian thought. (BOOKER, 1990, p. 177).

diferente tem suas raízes no desejo de mudança, isso é comum em ambas. Nas palavras de Clayes:

A utopia aparece como um gênero literário popular ao fim do século dezenove. A distopia emerge do mesmo conjunto de problemas: como controlar a industrialização, pobreza generalizada, a concentração das riquezas, e uma crescente tendência direcionada a soluções coletivistas para esses assuntos. Mas em uma época também caracterizada pelo crescimento do individualismo, alguns viram mais da repressão e atributos puritanos da velha tradição utópica como parte do problema do que como a solução⁹. (CLAYES, 2017, p. 274) – tradução nossa.

O plano utópico não é mais parte da rede de soluções dos problemas pungentes apontados pelas distopias. Novas formas de ver o mundo requerem novas estratégias de soluções para suas dificuldades, mesmo quando os sujeitos em sociedade são tão cegos por poder que não conseguem sequer enxergar que vivem em uma construção constante que os levará ao caos, se não tomar os devidos cuidados. Apesar de ter sua apropriação literária e etimológica difundida com mais ênfase já no período moderno, o sentimento, demonstração, crítica social e premissa de que algo estava errado e que deveria ser mudado já se fazia presente e tomado das páginas literárias em 1826, antes mesmo do famoso pronunciamento do senhor Mill no parlamento londrino. Através do texto de Mary Shelley intitulado *O Último Homem* (*The Last Man* em inglês), primeira obra pós-apocalíptica escrita por uma mulher, o pioneirismo de Shelley coloca seu texto em um espaço de discussão e visão de mundo que conheceríamos na literatura tradicional apenas muitos anos depois. Ela dava início a uma nova forma de alertar sobre os males de uma época.

O Último Homem: a distopia pós-apocalíptica de Mary Shelley

O Último Homem (1826) é o segundo romance mais proeminente da escritora inglesa Mary Shelley, amplamente conhecida como a autora de *Frankenstein ou o Moderno Prometeu* (1818), obra que a colocou nos holofotes da literatura gótica de horror, por instaurar uma nova forma de escrever o gótico, pois em seu enredo deixa para trás o elemento gótico tradicionalmente centrado no lado espiritual passando a focar na esfera psicológica e social. A discussão social é tema que envolve também o seu segundo romance mais popular, que aqui apresentamos, assim como a discussão sobre a maldade e egoísmo humanos que transformam

⁹ Utopia comes into its own as a popular literary genre in the late nineteenth century. Dystopia emerges from the same set of problems: how to control industrialization, widespread poverty, the concentration of wealth, and an increasing tendency towards collectivist solutions to these issues. But in an age also characterized by growing individualism, some saw the more repressive and puritanical attributes of the utopian tradition as part of the problem rather than of the solution. (CLAYES, 2017, p. 274)

homens em lobos de si mesmos. O ambiente que envolvia a escritora, ao passo que escrevia o romance, estava inundado pelas dúvidas e questionamentos sobre a maldade humana e as consequências de atos extremos associados sempre à sua vontade de poder exacerbada e à falta de amor.

O romance é produto de um período de desolação, Mary Shelley coloca sua obra apocalíptica juntamente com as de seus contemporâneos para exibir sua visão sobre os horrores das revoluções, principalmente da Revolução Francesa, a subsequente carnificina das guerras napoleônicas e as incertezas metafísicas e culturais sobre os ataques da era-romântica em direção às questões comportamentais, políticas e sociais do contexto inglês, tanto em relação à estrutura social carregada de pressões direcionadas a quem podia ou não fazer parte dos espaços públicos, quanto à opressão e desvalorização da mulher na camada política, pública, social, a ela respeitado apenas o espaço doméstico. A obra de Shelley aparece nesse cenário como precursor do estilo denunciador-crítico-apocalítico-filosófico sob a escrita de autoria feminina, já que seus contemporâneos e/ou antecessores foram todos homens, a escritora presenteia o espaço temático com a visão feminina da situação e da formação textual.

Le Dernier Homme (1805) (O Último Homem) de Jean Baptiste Cousin de Grainville é conhecido como o precursor desse modo/gênero pós-apocalíptico revolucionário, seguido por *The Last Man* (1823) de Thomas Campbell, dentre outros. No entanto, o *The Last Man* (O Último Homem) de Mary Shelley tem sua particularidade que o distingue dos modelos anteriores, já que é o primeiro a destacar um herói solitário em meio à devastação humana sob as lentes da escrita de autoria feminina. O romance de Shelley aparece num momento de devastação vivido pela sociedade inglesa densamente inundada pelas mudanças e ideias advindas das revoluções, como dito logo acima, conseqüentemente, a sensação de incompletude e solidão faz com que muitos escritores sintam com densidade a solidão em meio a uma humanidade que se destrói paulatinamente.

O romance de Shelley não segue a linha do lugar comum da visão destruidora sobre o homem através de vestígios advindos da natureza como haviam se padronizado as histórias pós-apocalípticas, mas levanta a questão da transformação do homem pela sua desestrutura individual inspirada pela vontade de poder que sobrepõe todos os outros impulsos humanos de amor, compaixão, generosidade e justiça. Como atesta uma das falas de Lionel Verney:

Onde estavam a dor e o mal? Não no calmo ar ou encapelado oceano; não nas florestas ou nos campos férteis, nem entre os pássaros que fizeram as árvores ressoarem com música, nem nos animais que em meio à fatura expuseram-se ao brilho do sol. **Nosso inimigo**, como a Calamidade de Homero, **percorreu nossos corações** e nenhum sóido foi ecoado de seus passos. (SHELLEY, 2007, p. 337-338). Grifos nossos.

O Último Homem conta a história do filho de um nobre que perde toda sua fortuna em jogos de azar, Lionel Verney, que se tornará o último homem restante na Terra quando a humanidade é destruída por uma praga no século XXI, ele, imune a essa praga, vê a dissipação do mundo como conhecia. Mas a praga que destrói a humanidade no romance de Shelley não aparece misteriosamente para assolar o homem, ela é desenvolvida e posta à vida pelo próprio homem, e ele nos aparece como lobo de si mesmo.

Já na Introdução à sua narrativa Shelley nos coloca de encontro com uma outra história que preanuncia essa tomada de antecipação de algo terrível com aquelas que Pizan já havia destacado também em seu texto: Shelley afirma que em 1818 ela descobriu, na caverna de uma Sibila, perto de Nápoles, uma coleção de escritos proféticos pintados pela Sibila de Cumas. Shelley editou estes escritos em uma narrativa atual, a narrativa em primeira pessoa de um homem que vive no final do século XXI. Assim, é curioso como Mary se utiliza das ‘visões’ de uma das profetizas, a sétima dentre as dez que se tem registro, segundo Pizan, para alertar sobre o futuro de seu país condenado pela imprudência dos homens.

Vejamos estas duas passagens onde essa crítica se faz presente no romance de Shelley:

[...] agora é o homem o senhor da criação? Olhe para ele – ah! Vejo a peste! Ela atacou a sua carne, emaranhou-se com seu ser e cega seus olhos, que perscrutam o céu. Deite-se, Oh homem, na terra salpicada de flores; abra mão de toda reivindicação de sua herança, tudo o que você pode um dia possuir dela é a pequena célula que o morto exige. A peste é a companheira da primavera, do brilho do sol e da fartura. Não mais lutamos com ela. Esquecemo-nos do que fazíamos quando ela não existia. [...] **Os homens fizeram jornadas periclitantes para possuir esplêndidas bugigangas da terra, gemas e ouro. [...] Agora a vida é tudo o que cobizamos;** que este autômato de carne deve, com juntas e peças em ordem, desempenhar suas funções. [...] Éramos, com efeito, suficientemente degradados. (SHELLEY, 2007, p. 338). Grifo nosso.

Tudo está acabado, agora. Ele está solitário; como os nossos primeiros pais, expulsos do Paraíso, ele olha para trás, na direção da paisagem que abandonou. [...] Como nossos primeiros pais, toda a terra está diante dele, um vasto deserto. [...] A posteridade já não é mais; a fama, **a ambição e o amor, são palavras vazias de sentido** [...] (SHELLEY, 2007, p. 344-345). Grifo nosso.

Mais que envolvida pela sagacidade da visão feminina que Shelley atribui a uma história ‘futurista’, onde os vícios e monstruosidades humanas são exacerbados de modo a criticar o momento de seu lugar de produção, *The Last Man* tem um valor transcendental quando atualizamos seu plote para o nosso século XXI, idealizado pela escritora em 1826, ano de sua publicação, e percebemos como a nossa individualização está do mesmo modo comprometida e que os conceitos e ideais construídos pela modernidade apenas diluem o homem, saindo do centro e se perdendo dentro de si.

O Último Homem evoca uma discussão que está bem além de sua época de produção quando avaliamos os pormenores conceituais ainda atuais acima citados, é um romance que celebra a capacidade criadora de Mary Shelley ao escrever um tema conceitualmente masculino (ficção científica pós-apocalíptica-filosófica), de modo exemplar e pioneiro sob a pena feminina.

O texto de Shelley representa um movimento em direção a uma literatura mais sombria, assim como estava a atmosfera de seu tempo, e questiona as ideias políticas românticas, assim como o humanismo ocidental. Apresenta o tema da ‘praga’ sob outro ponto de vista: sem o poder mágico de salvação pela natureza, mostra o poder destruidor da ambição, vontade de poder e falha de caráter dos homens, verdadeiro causador da destruição de sua própria raça. Shelley então constrói sua própria forma de demonstrar insatisfação com o seu presente. É uma crítica a um plano (recorrente) utópico que falhou (falhará?!) considerando que o futuro descrito é o nosso, o século XXI. Apesar de apresentar um mundo onde o plano utópico de lugar melhor falhou, a distopia de Shelley também exala um pouco de esperança, como não poderia deixar de ter, nos faz pensar em e alerta para aquilo que deve ou que pode permanecer. Explora a constante consciência de que a morte está entre nós: “a terra é bela e florida, mas ela é nosso túmulo” como uma forma também de nos focar em manter os pés no chão e de termos qualidade de vida.

Destaca uma expectativa de resolução mesmo em meio ao caos instaurado pela dissipação de toda a humanidade:

Oh, que zombaria é essa! Certamente a morte não é a morte e a humanidade não será extinta; mas apenas passará para outras formas, inatingíveis às nossas percepções. A morte é um vasto portal, uma estrada para a vida: deixe-nos passar rapidamente; deixe que existamos não mais nessa viva morte, mas que morramos para podermos viver! (SHELLEY, 2007, p. 437).

Em ambos os textos tanto *A Cidade das Damas* quanto *O Último Homem*, o questionamento que nos fazemos ao término da leitura é: é preciso termos uma sociedade paralela à nossa para que uma parte dos sujeitos em sociedade seja igualmente feliz? É preciso mesmo chegarmos no fim para enxergarmos a beleza do viver? Ambos nos incitam a ponderar sobre o que poderia ser feito para modificar o momento de profundo malefício criado pelos homens na sociedade em que se encontram e se será mesmo preciso dizimar a humanidade para encontrarmos os humanos. Apesar de parecerem tão opostos por tratarem dos problemas da sociedade de modos diferentes: sonhador positivo (utopia) e demonstrador cru especulativo de consequência do mau direcionamento (distopia) podemos considerar que, ainda assim, eles se

encontram unidos pelo fio condutor que os torna tão necessários para que tenhamos impulso de mudar alguma coisa para melhor: a insatisfação com a realidade.

Referências

BOOKER, M. Keith. *Dystopian literatures: a theory and research guide*. London: Greenwood Press, 1994.

CLAEYS, Gregory. *Dystopia: a natural history*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

CLAEYS, Gregory. The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell. In: CLAEYS, Gregory. *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2010.

GORDIN, Michel D; TILLEY, Hellen; PRAKASH, Gyan. *Utopia/dystopia: conditions of historical possibility*. United Kingdom: Pinceton University Press, 2010.

MORE, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Edipro, 2016.

PIZAN, Christine. *A Cidade das damas*. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

PURKAR, Namrata. Dystopian writing as a part of science fiction. In: BITE, Vishwanath (ed). *The Criterion: An International Journal in English*. Vol. IV - Issue V. October, 2013.

SHELLEY, Mary. *The Last Man*. Edição bilíngue. Tradução de Marcella Machado C. Furtado. São Paulo: Editora Landmark, 2007.

VIEIRA, Fátima. The concept of utopia. In: CLAYERS, Gregory (ed.). *The Cambridge companion to utopian literature*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2010.

Recebido em 20/06/2017

Aceito para publicação em 13/12/2017